

**RODRIGO CONSTANTINO**

constantino.rodriigo@gmail.com

INFORME ESPECIAL**TULIO MILMAN**

Gre-Nal na política

Fui muito a Porto Alegre por conta do Fórum da Liberdade, e percebi uma característica um tanto marcante nos gaúchos: o grau de polarização é enorme em tudo! Não apenas no futebol, o exemplo mais óbvio, já que a rixa entre Grêmio e Internacional deixa o Fla-Flu carioca no chinelo. Vale para a política também: é no Sul que temos os mais radicais quadros da esquerda petista, e também os mais aguerridos defensores do liberalismo.

No futebol, a divisão é arbitrária e emotiva: não escolhemos nosso time; absorvemos sem muita reflexão a paixão que vem da família. Alguns viram a casaca, é verdade, mas o ponto é que não há um grau de livre-arbítrio tão

grande. Trata-se de algo um tanto tribal. Mas na política não deveria ser assim: existem argumentos racionais e evidências empíricas que deveriam servir como base para nossas escolhas.

No fundo, o que fazemos tantas vezes é um processo de racionalização do que sentimos

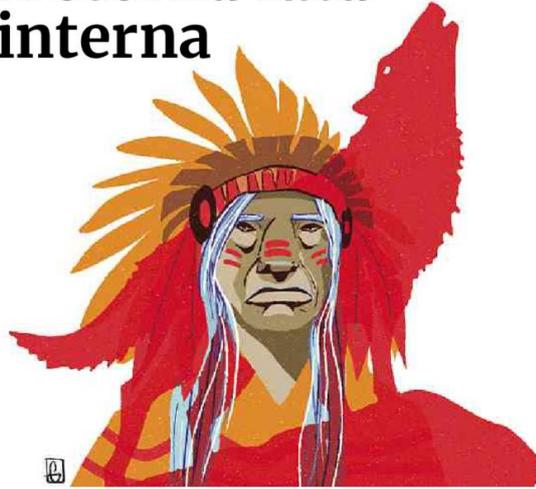
Eu disse deveriam, mas infelizmente

nem sempre isso ocorre. Alguns autores tentam explicar nosso viés político com base em preconceitos, em características mais atávicas. É o que argumenta Jonathan Haidt em The Righteous Mind, livro em que tenta explicar por que pessoas boas estão divididas nesses temas delicados como política e religião. O autor usa a sua área de expertise – a psicologia moral – para mostrar as razões desse convívio tão difícil entre pessoas que desejam efetivamente o bem. Encontramo-nos facilmente divididos em grupos hostis, cada um certo de sua correção.

Sua principal tese, respaldada por evidências, é de que somos seres intuitivos, e que essa intuição vem quase sempre antes da razão. No fundo, o que fazemos tantas vezes é um processo de racionalização do que sentimos, buscando, após a conclusão já tomada, as “provas” que desejamos encontrar. Nosso cérebro é eficiente em nos convencer de nossas virtudes e razão, ainda que seja alguma paixão a verdadeira força no comando.

Não se trata de atacar a razão, e sim de reconhecer suas limitações. E, ao aceitar isso, devemos nos tornar mais humildes e dispostos a interações construtivas com outras pessoas que divergem de nossas crenças. A alternativa é transformar a política em torcida organizada e xingar o adversário.

A eterna luta interna



(O melhor desse texto é o último parágrafo. Se estiver sem tempo ou paciência, vá direto para lá).

Napoleon Hill, jornalista e escritor, assessorou dois presidentes dos Estados Unidos: Woodrow Wilson e Franklin Roosevelt. Em 1908, entrevistou Andrew Carnegie, um dos americanos mais ricos daquela época. Desafiado pelo milionário, passou 20 anos investigando os motivos pelos quais alguns vencem e outros fracassam, na vida e nos negócios.

Hill morreu em 1970, mas deixou vários livros, entre eles A Lei do Triunfo e Mais Esperto que o Diabo, escrito em 1938, mas só lançado em 2011. O autor se arrisca a transcrever uma longa conversa com o próprio demônio. Talvez por isso, a obra tenha ficado

tanto tempo escondida.

Ganhei um exemplar de um amigo na semana passada. Encontrei, no epílogo, depois das repostas de Lúcifer, uma história divina, deliciosa e profunda, dessas que dá vontade de compartilhar com quem a gente gosta.

Uma noite, um velho índio cherokee fala ao neto sobre os desafios da vida. Relata que existe, dentro dele, uma luta entre dois lobos. Um é mau, movido pela raiva, ganância, inveja, arrogância e mentira. O outro lobo é bom: alegria, coragem, paz, bondade, verdade e fé. O menino, olhos atentos, pergunta: “E quem vence?”. O velho avô responde: “Aquele que eu alimento”.

GAÚCHAZH

Leia outras colunas em gauhazh.com/tulioimilman

A sensibilidade do comandante

Foi uma resposta de arrepiar. Perguntei ao comandante da Brigada Militar, coronel Mário Ikeda, o que a sociedade, incluída a imprensa, pode fazer para ajudar a impedir que mais policiais morram nos defendendo.

A plateia era seleta. Governador em exercício, presidente da Assembleia, cúpula do MP, da Polícia Federal, representante do Tribunal de Justiça, do TCE, do Senado, chefe de Polícia, entre outros. Estávamos no evento de celebração de 30 meses do

GDI, Grupo de Investigação da RBS que reúne 12 dos melhores profissionais do Brasil (*leia mais nas páginas 20 e 21*).

O coronel Ikeda disse muitas coisas, todas pertinentes. Mas uma, em especial, emocionou a todos. O comandante não falou em salários ou em plano de carreira. Não era o momento. Ikeda pediu algo simples, que cada um pode e deve fazer: agradecer.

Morei nos EUA ano retrasado e lá, no começo, achava estranho quando um cidadão passava por um militar ou

Aleluia

Vem aí dinheiro extra para enfrentar o crime no Rio Grande do Sul. Depois de um intenso vai e vem, a regulamentação de lei de incentivo à segurança foi assinada, durante a semana, pelo Piratini. Os investimentos, feitos por empresários com a ajuda de incentivos fiscais, serão revertidos em viaturas, coletes e equipamentos de comunicação.

O governo afirma que armas também entram no pacote, mas o Instituto Floresta, pai da ideia, avalia que, na prática, é difícil, por entraves burocráticos. Mesmo assim, calcula que, 30 dias depois do ok da Secretaria de Segurança, os primeiros cem carros com proteção contra tiros estarão sendo entregues aos batalhões de choque do Estado – prioridade definida pelo Piratini, a qual se somam cem viaturas discretas para a Polícia Civil.

O Instituto Floresta reconhece e celebra a persistência do governo, que conseguiu dar um passo à frente, mesmo que a decisão signifique abrir mão de recursos que certamente seriam utilizados para cumprir uma das mais comentadas promessas de campanha de Eduardo Leite: pagar salários em dia.

Ao destravar a lei de incentivo à segurança, Leite dá um recado positivo à sociedade: o governo não trabalha apenas para saciar o apetite da sua própria engrenagem.

por um policial no meio da rua e dizia: “Obrigado por nos proteger”. Senti, pelo que disse o coronel, que a Brigada Militar precisa – e merece – de mais reconhecimento.

Depois da fala do comandante, que foi aplaudido, a chefe de Polícia, Nadine Anflor, contou uma pequena história. Ela presenciou o motorista de uma van escolar dizer para um aluno: “Põe o cinto de segurança, senão a polícia vai te pegar”. Imagino que a criança possa ter ficado confusa sobre quem é o mocinho e quem é o vilão.